

TRADUÇÃO COMENTADA DO CONTO *WHEN I WAS DEAD* DE VINCENT O'SULLIVAN

Valéria Brisolara

Unisinos - Universidade do Vale do Rio do Sinos

Stephanie Dariva Quiquo

Unisinos - Universidade do Vale do Rio do Sinos

Resumo

Este texto apresenta uma tradução comentada do conto *Quando eu estava morto* do autor de histórias de terror americano e poeta Vincent O'Sullivan, que nunca foi traduzido para o português. O conto, publicado em 1896 e pertencente à coletânea de contos *Book of Bargains*, apresenta a história de Alistair, um homem que vive sozinho em sua antiga mansão chamada Ravenel Hall e pretende pôr em prática uma estranha teoria para invocar um espírito através do uso de gotas de sangue humano, o que acabará causando graves consequências para ele. Essa tradução possui ainda comentários introdutórios sobre o autor, sua obra, seu estilo literário e o processo de tradução.

Palavras-chave: Tradução comentada, Vincent O'Sullivan, conto, literatura americana, horror.

Abstract

This text presents an annotated translation of the short story *When I was dead* by the American author of horror stories and poet Vincent O'Sullivan, who has never been translated into Portuguese. The short story, published in 1896 and belonging to the collection of short stories *Book of Bargains*, presents the story of Alistair, a man who lives alone in his old mansion called Ravenel Hall and intends to execute a strange theory to summon a spirit by using drops of human blood, which will end up causing serious consequences to him. This translation still has introductory commentaries about the author, his works, his literary style, and the translation process.

Keywords: Annotated translation, Vincent O'Sullivan, short story, American literature, horror.

1. Sobre o autor, o conto e a tradução:

Vicent James O'Sullivan foi um romancista, contista, poeta e crítico americano nascido em Nova York em 1868. Não se sabe muito sobre sua vida pessoal, mas acredita-se que ele teve uma vida relativamente estável financeiramente até 1909 quando sua família

entrou em ruína ao perder a renda advinda de um negócio cafeeiro. Depois desse ocorrido, o escritor viveu na pobreza até sua morte em Paris no ano de 1940. Um fato curioso é que O’Sullivan era amigo de figuras literárias importantes de sua época como o também escritor Oscar Wilde.

No que se refere ao seu estilo literário, O’Sullivan foi considerado um escritor de histórias macabras e um poeta pertencente ao movimento decadentista. Tal termo, conforme a Enciclopédia Itaú Cultural, refere-se à forma como era chamado um grupo de intelectuais franceses do fim do século XIX “[...] que compartilham uma visão pessimista do mundo, acompanhada de uma inclinação estética marcada pelo subjetivismo, pela descoberta do universo inconsciente e pelo gosto das dimensões misteriosas da existência” (ITAÚ CULTURAL, 2015). O decadentismo, além de possuir essas características, fazia oposição entre a arte e a natureza, dando preferência ao exagero (na escrita, nas vestimentas, no uso de cosméticos etc.), ao bizarro e à quebra de comportamentos considerados “naturais”, opondo-se ao que era orgânico e próprio da natureza (ABRAMS & HARPHAM, 2012). Seus contos e poesias, portanto, possuem um caráter decadente e mórbido, com muitos elementos sobrenaturais.

Tratando-se da poesia decadentista ou simbolista, que teve como grande expoente o poeta Verlaine, pode-se destacar como algumas de suas principais características, conforme Corrêa (2016), a importância do ritmo, sua relação com a música, o recurso do verso livre e a pouca importância dada à rima. Nas palavras do próprio Verlaine, a respeito de sua poesia: “Música em primeiro lugar e antes de tudo, [...] e depois, não o colorido, mas *a nuance* [...]. A poesia deve ser algo vago, intangível, efêmero [...]” (VERLAINE, *apud* SYMONS, 1893, grifo do autor, tradução nossa)¹. Assim, o fazer poético dos decadentes estava relacionado com uma maior liberdade na composição, uma busca pela musicalidade e a representação de sentimentos e imagens que não são facilmente captados por meio de palavras. Além desses aspectos, algumas das temáticas presentes nas poesias decadentistas, de acordo com Corrêa (2016), são o isolamento, o sobrenatural, o indecoroso e a sensualidade.

Vincent O’Sullivan escreveu diversos livros, dentre eles: dois livros de poesia decadentista, *Poems* (1896) e *Houses of Sin* (1897); duas antologias de contos sobrenaturais, *A Book of Bargains* (1896) e *Human Affairs* (1907); uma coleção com 4 novelas interligadas entre si, *A Dissertation Upon Second Fiddles* (1902); um livro de poemas em prosa, *The*

¹ “Music first of all and before all, [...] and then, not color, but *la nuance* [...]. Poetry is to be something vague, intangible, evanescent [...]”.

Green Window (1899); o romance, *The Good Girl* (1912); e uma biografia de Oscar Wilde, *Aspects of Wilde* (1936). Apesar de ser conhecido no exterior, especialmente em seu período de vida, O’Sullivan nunca foi traduzido para o português e, portanto, sua obra é praticamente desconhecida no país.

O conto apresentado nessa tradução *When I Was Dead* (Quando eu estava morto) é uma das histórias mais antologizadas do autor em coletâneas de narrativas de terror em geral. Esse texto é a sexta narrativa do livro *A Book of Bargains*, composto por mais seis histórias. Essa antologia inclui contos sobrenaturais que tratam da perversidade humana e possuem elementos como fantasmas e pactos com o diabo. A narrativa de *Quando eu estava morto* é feita em primeira pessoa por seu protagonista, Alistair, que vive sozinho em uma antiga mansão chamada Ravenel Hall, a qual é sombria e sinistra, acarretando as pessoas terem medo de permanecer lá. A história começa em uma noite na qual o narrador está conversando com um amigo sobre a teoria de que é possível atrair uma aparição usando gotas de sangue humano e seu desenrolar segue a partir dessa cena. Tais aspectos remetem aos contos de Edgar Allan Poe, com seus narradores em primeira pessoa que vivem em locais sombrios e isolados do convívio humano e aos elementos possivelmente sobrenaturais presentes em suas histórias.

A semelhança mencionada acima, entre O’Sullivan e Edgar Allan Poe, se estende para além dessas questões temáticas, pois ambos têm relação com o movimento decadentista. Nesse sentido, Camarani e Camargo (2014) comentam as similaridades entre Poe e Huysmans, outro importante escritor decadentista, autor da obra *Às avessas* (1884), na qual os textos do primeiro são mencionados mais de uma vez. A obra de Huysmans é marcada pelo “pessimismo” em relação ao mundo contemporâneo de sua época em fins do século XIX, cenário de muitas mudanças, pela “contemplação da estupidez humana” e das “misérias cotidianas da vida” (SYMONS, 1893, tradução nossa)². O principal paralelo entre Poe e Huysmans seria o uso, em suas obras, da personagem “[...] do *decadente* que, cansado da balbúrdia do século e da vida banal, afasta-se da vulgaridade burguesa para cultivar sua alma aristocrática, refinada e cruel” (CAMARANI & CAMARGO, 2014, p. 25, grifo do autor). Essa figura, que vive em isolamento de seus contemporâneos, por sua vez, coincide com os já mencionados narradores de Poe e o próprio narrador de *Quando eu estava morto*.

² “[...] contemplation of human stupidity [...]” e “[...] commonplace miseries of life [...]”.

Além da relação de Poe com o movimento decadentista, por conta de suas similaridades com a obra de Huysmans, vale destacar em seus escritos a “figura do decadente”, também referida como *dândi*. Segundo Camarani e Camargo (2014), a personagem Roderick Usher do conto *A queda da casa de Usher* (1839) de Edgar Allan Poe seria a representação desse indivíduo na literatura. Roderick “[...] com seu comportamento estranho, extravagante, histérico, hipocondríaco, perverso, cruel e supersticioso, pode ser entendido como o dândi das origens” (CAMARANI & CAMARGO, 2014, p. 27). Com base nesses comentários, pode-se notar a semelhança de Alistair, o narrador de *Quando eu estava morto*, com a figura do dândi. Sendo também ele um aristocrata que vive em isolamento em sua propriedade, Ravenel Hall, longe do convívio humano e tendo como companhia somente os seus criados. Além disso, ele é uma personagem supersticiosa, levando em conta a sua teoria sobre a invocação de fantasmas, apesar de desprezar as pessoas por facilmente se assustarem com o sobrenatural, sendo ainda um indivíduo cruel e perverso. Esse último aspecto pode ser percebido diante da forma como trata seus criados e até mesmo um dos amigos que o visita em sua propriedade. Nesse sentido, pode-se notar paralelos entre o dândi representado nas obras de Edgar Allan Poe e o protagonista e narrador do conto de O’Sullivan. Camarani e Camargo (2014, p. 28) destacam ainda o fato de as personagens “decadentistas” de Huysmans e Poe serem “narcisistas por excelência”, sendo este outro ponto em comum com Alistair, o qual age e pensa como se fosse superior àqueles que o cercam.

A tradução a seguir fez parte do projeto final da disciplina de Introdução à Tradução: Teoria e Prática do Curso de Letras Português/Inglês da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Esse texto foi escolhido por ser de um autor desconhecido no Brasil e que não havia sido traduzido ainda para o português. Por meio dessa tradução espera-se apresentar a obra desse escritor, pouco conhecido no Brasil, apesar de suas diversas publicações, aos leitores brasileiros, e incentivar a apreciação do conto e de sua obra.

Com relação às estratégias de tradução utilizadas para traduzir o conto, escolheu-se manter o texto tão próximo quanto possível ao original, tanto em relação ao seu sentido como no que trata de suas estruturas gramaticais, recorrendo-se a uma estratégia de tradução global mais estrangeirizadora. Apesar disso, buscou-se tornar a linguagem do texto acessível ao leitor contemporâneo tendo em vista o objetivo de apresentar essa história ao público brasileiro. No entanto, algumas palavras e expressões mais formais foram mantidas para

preservar o efeito e o contexto de fins do século XIX de *Quando eu estava morto*. Como exemplo pode ser citado o uso de “sr.” e “sra.” para se referir a algumas personagens, alguns usos de ênclises para indicar uma linguagem mais formal (agarrei-a, amaldiçoei-a) e a menção de “cavalheiro” e “criados” de forma a manter o contexto social da época na qual se passa a história. Outro aspecto que se buscou preservar em relação ao original foi o uso das aspas nos diálogos, apesar de nos textos em língua portuguesa o travessão ser mais utilizado como o recurso para expressar a fala de personagens. Assim, optou-se por manter as aspas como forma da tradução assemelhar-se mais ao texto de partida.

Em se tratando de procedimentos utilizados durante a tradução, podem ser destacadas algumas transferências e equivalências. As primeiras se referem ao nome da propriedade e dos personagens, que não foram traduzidos (*Ravenel Hall, Wilvern, Alistair* etc.) para preservar os efeitos do texto original, mantendo a estratégia mais estrangeirizadora. Como equivalências, podem ser citadas as expressões as quais foi necessária alguma modificação de forma a transmitir o seu sentido para o português. Abaixo são comentados dois desses segmentos e como foram traduzidos buscando preservar o significado original. Deve-se destacar ainda que aspectos relacionados com a cultura e o contexto da época foram preservados. Por conta disso, as menções aos “bebedores de chá”, à unidade de comprimento jarda e a esportes como polo e esgrima foram mantidas.

A respeito do processo de tradução de um modo geral, apesar do conto se tratar de um texto escrito há mais de 100 anos, por possuir uma linguagem clara, o processo de tradução não foi extremamente complicado. Os trechos mais complexos foram um verso de uma peça de Shakespeare e algumas expressões cristalizadas presentes ao longo da narrativa.

No que se refere à epígrafe do conto, por já existirem traduções da peça de Shakespeare para o português, optou-se por reproduzir o mesmo trecho na tradução de Beatriz Viégas-Faria na edição da LP&M, que parece ter tido o intuito de aproximar a linguagem do leitor atual assim como a presente tradução. Tomou-se a liberdade de inserir quebras na frase de forma a se assemelhar ao verso original de Shakespeare, tendo em vista o fato de a tradução de Viégas-Faria estar em forma de prosa, diferindo da peça no original, e aqui deseja-se manter a similaridade com a estética da epígrafe escolhida por O’Sullivan.

Por fim, são comentadas duas expressões do texto original as quais demandaram uma pesquisa mais aprofundada para achar um melhor equivalente no português. A primeira delas, *went a-straying in their wits!* (ficassem com um parafuso solto!) que tem um sentido literal

de “perder o controle das faculdades mentais” foi traduzida de modo a manter o humor do texto original, sendo este uma marca do sarcasmo do narrador. Na tradução da outra expressão, *which sent me fencing and parrying strangers, — on my guard* (o que me levou a esquivar e rebater ataques de estranhos como na esgrima, — me mantendo em guarda), a qual representa uma metáfora entre os movimentos da luta e a discussão que Alistair tem com seu amigo, buscou-se evidenciar esse sentido figurado por meio de uma comparação.

2. *Quando eu estava morto de Vincent O’Sullivan (1896):*

“Contudo, meu coração
Não quer confessar que possui a moléstia
Que faz cerco à minha vida.”
— Bem está o que bem acaba³

Isso era o pior em Ravenel Hall. Os corredores eram longos e escuros, os cômodos bolorentos e opacos, os retratos sombrios e seus temas horrendos. Em uma noite de outono, quando o vento sussurrava e atormentava através das árvores do parque, as folhas mortas assobiavam e tagarelavam, enquanto a chuva clamava nas janelas; não era de se surpreender que pessoas com os nervos fracos ficassem com um parafuso solto! Um sistema nervoso sensível é um fardo penoso no convés de um navio sob um céu iluminado pelo sol: em Ravenel, a corrente dos nervos estava propensa a ressoar e retinir uma marcha fúnebre. Os nervos devem ser mimados numa comunidade de bebedores de chá; e o fantasma que o seu avô, embriagado com vinho do porto, podia enfrentar sem nem tremer, lhe deixa, na sua sobriedade, suando e tremendo; ou, ficando assustado (pobre fantasma!) dos seus olhos arregalados e do seu queixo caído, ele satisfaz as expectativas não aparecendo de forma alguma. Portanto, resta-me concluir que era o chá que fazia o meu conhecido ter medo de permanecer em Ravenel. Até Wilvern se entregou; e como ele está na Guarda, e é um jogador de polo, seus nervos precisam ser suficientemente fortes. Na noite anterior à sua partida, estava explicando a ele minha teoria de que, se você puser algumas gotas de sangue humano próximas a você, e em seguida concentrar seus pensamentos, verá, depois de um tempo, à sua frente, um homem ou uma mulher que permanecerá ao seu lado durante as longas horas da

³ Trecho da tradução de Beatriz Viégas-Faria para a edição de *Bem está o que bem acaba* da editora LP&M presente na página 42 da edição de 2010.

noite e até o visitará em lugares inesperados durante o dia. Eu estava explicando essa teoria, repito, quando ele me interrompeu com palavras sem sentido algum, o que me levou a esquivar e rebater ataques de estranhos como na esgrima, — me mantendo em guarda.

“Eu digo, Alistair, meu caro amigo!” ele começou, “você deveria vender este lugar, ir para a Cidade e perambular um pouco — você deveria mesmo, sabe?”

“Claro,” eu respondi “e ser envenenado nos hotéis pela comida ruim e nos bares pela conversa ruim, suponho. Não, obrigado: e me deixe dizer que sua preocupação com minha saúde me enerva.”

“Bom, você pode fazer como quiser,” diz ele, batendo seus pés no chão. “Estarei enforcado se permanecer aqui depois de amanhã, pois desta forma ficarei completamente louco!”

Ele foi meu último visitante. Algumas semanas depois de sua partida, eu estava sentado na biblioteca com minhas gotas de sangue ao lado. Minha teoria estava quase perfeita nessa altura, mas houve apenas um problema. A figura que sempre aparecia diante de mim era uma mulher idosa com o cabelo repartido ao meio, que caía sobre seus ombros, branco de um lado e preto do outro. A figura era uma mulher idosa quase completa; mas, ai de mim!, ela estava sem olhos e quando eu tentava concebê-los, ela murchava e se deteriorava na minha visão. Mas nessa noite eu estava pensando, pensando, como nunca tinha pensado antes, e os olhos estavam apenas entrando furtivamente para dentro de sua cabeça quando eu ouvi um terrível estrondo lá fora, como se algum material pesado tivesse caído. De repente, a porta foi aberta com violência e duas criadas entraram, elas olharam de relance para o tapete sob minha cadeira e, com isso, empalideceram num tom de branco doentio, clamaram por Deus e se agarraram uma na outra.

“Como ousam entrar na minha biblioteca desta maneira?”, questioneei severamente. Nenhuma resposta veio delas, então saí em sua busca. Encontrei todos os criados dentro da casa reunidos em um círculo no final do corredor.

“Sra. Pebble”, eu disse, de maneira inteligente, para a governanta, “quero aquelas duas mulheres dispensadas amanhã. É um ultraje! Vocês devem ser mais cuidadosos.” No entanto, ela não estava prestando atenção em mim. Seu rosto estava distorcido de terror.

“Oh céus, oh céus!” ela continuou. “É melhor nós irmos todos juntos à biblioteca”, disse aos demais.

“Não sou eu o dono da minha própria casa, sra. Pebble?” indaguei, batendo meu punho sobre a mesa com um estrondo.

Nenhum deles parecia me ver ou me ouvir: eu poderia estar muito bem gritando em um deserto. Segui-os ao longo do corredor e os proibi de entrar na biblioteca.

No entanto, eles passaram por mim e pararam em desordem ao redor do tapete da lareira. Então, três ou quatro deles começaram a arrastar e levantar algo, como se estivessem levantando um corpo inerte, e tropeçaram com o fardo imaginário sobre o sofá. O velho Soames, o mordomo, se aproximou.

“Pobre do jovem cavalheiro!” ele disse com um soluço. “Eu o conheço desde que era um bebê. E pensar que ele está morto assim e ainda tão jovem!”

Eu cruzei a sala. “O que é isso, Soames!” gritei, sacudindo-o pelos ombros bruscamente. “Não estou morto. Eu estou aqui—aqui!” Como ele não se mexeu, fiquei um pouco assustado. “Soames, meu velho amigo!” chamei, “você não me reconhece! Não reconhece o garotinho com quem você costumava brincar? Diga que não estou morto, Soames, por favor, Soames!”

Ele se abaixou e beijou o sofá. “Acho que um dos homens deve ir até o vilarejo para chamar o doutor, sr. Soames,” disse a sra. Pebble; e ele se retirou para dar a ordem.

Ora, este doutor era um cão ignorante, que eu tinha sido obrigado a expulsar da casa porque ele veio proclamando sua crença em um Deus salvador, ao mesmo tempo em que proclamava a si como um homem da ciência. Ele, eu estava decidido, nunca deveria cruzar a minha porta, e segui a sra. Pebble pela casa, gritando essa proibição. Mas não recebi sequer um grunhido da parte dela, nem um aceno de cabeça, nem um lançar de olhos, para mostrar que ela tinha ouvido.

Encontrei o doutor na porta da biblioteca. “Bem”, sorri com desdenho, batendo com minha mão no seu rosto, “você veio me ensinar algumas orações novas?”

Ele passou por mim como se não tivesse sentido o golpe, e ajoelhou-se junto ao sofá.

“Rompimento de um vaso no cérebro, eu acredito”, ele disse para Soames e para a sra. Pebble depois de um breve momento. “Ele está morto faz algumas horas. Pobre sujeito! É melhor vocês telegrafarem para a irmã dele, e eu enviarei o agente funerário para preparar o corpo.”

“Seu mentiroso!”, bradei. “Seu mentiroso de uma figa! Como você tem a insolência de dizer aos meus criados que estou morto, quando me vê aqui cara a cara?”

Ele estava longe no corredor, com o Soames e a sra. Pebble nos seus calcanhares, antes que eu tivesse terminado, e nenhum dos três virou para mim.

Durante a noite toda eu fiquei sentado na biblioteca. Estranhamente, eu não tinha vontade de dormir e nem, durante o tempo que se passou, tinha desejo algum de comer. Pela manhã, os homens vieram e, embora eu ordenasse que saíssem, eles continuaram a cuidar de alguma coisa que eu não conseguia ver. Então, durante o dia todo, eu permaneci na biblioteca ou vaguei pela casa, e à noite os homens voltaram trazendo com eles um caixão. Depois, no meu estado de espírito, pensando que era uma pena que um caixão de tão boa qualidade devesse ficar vazio, me deitei nele à noite e dormi um sono suave e sem sonhos — o sono mais suave que dormi a minha vida toda. E quando os homens voltaram no dia seguinte, eu ainda descansava, e o agente funerário me barbeou. Que estranho camareiro!

Na noite seguinte, eu estava descendo as escadas quando notei uma bagagem no hall de entrada, e assim fiquei sabendo que minha irmã tinha chegado. Não tinha visto essa mulher desde o seu casamento, e eu a abominava mais do que abomino qualquer criatura deste mundo mal organizado. Ela era muito bonita, eu acho — alta, e morena, e reta como uma vareta — e ela tinha uma paixão incontrolável por escândalos e moda. Suponho que o motivo pelo qual eu não gostava dela de forma tão intensa, era que ela tinha o hábito de fazer alguém ciente da sua presença quando ainda estava a várias jardas de distância. Às nove e meia, minha irmã veio para a biblioteca usando um xale muito encantador, e eu logo descobri que ela era tão insensível a minha presença quanto os outros. Eu tremi de raiva ao vê-la se ajoelhar junto ao caixão — meu caixão; mas quando ela se curvou para beijar o travesseiro, perdi o controle.

Uma faca, que tinha sido usada para cortar barbante, estava sobre uma mesa: agarrei-a e enfiei-a no seu pescoço. Ela fugiu do cômodo gritando.

“Venham! Venham!” ela chorou, sua voz estremecendo com angústia. “O corpo está sangrando pelo nariz.”

Então, amaldiçoei-a.

Na noite do terceiro dia, uma forte nevasca caiu. Perto das onze horas, observei que a casa estava repleta de preto e silêncio e das pessoas do condado, que vieram para o funeral. Fui para dentro da biblioteca, fiquei quieto e esperei. Logo, os homens vieram e fecharam a tampa do caixão e carregaram-no para fora sobre seus ombros. E, ainda assim, eu permaneci sentado, sentindo com muita tristeza que alguma coisa minha tinha sido levada embora: eu

não conseguia pensar o quê. Fiquei uma meia hora talvez — devaneando, devaneando: e então eu deslizei para a porta do hall de entrada. Não havia mais nenhum resquício do funeral, mas depois de um tempo eu avistei uma linha negra serpenteando devagar através da planície branca.

“Não estou morto!”, gemi e esfreguei meu rosto na neve pura e joguei-a no meu pescoço e nos meus cabelos. “Bom Deus, não estou morto.”

Referências

ABRAMS, M. H.; HARPHAM, G. G. **A Glossary of Literary Terms**. 10th ed. Boston: Wadsworth Cengage Learning, 2012.

CAMARANI, A. L. S.; CAMARGO, L. M. C. Poe, Baudelaire, Huysmans: dândis e malditos. **Estação Literária**. Londrina, v. 12, p. 22-32, jan. 2014. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/26051/24285>. Acesso em 28 nov. 2023.

CORRÊA, I. E. J. Decadentismo: estética da crise finissecular. *In*: JORNADA DE PESQUISADORES DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 1., 2015, Rio de Janeiro. **Anais da Biblioteca Nacional** [...]. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. p. 415-430.

DECADENTISMO. *In*: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo4624/decadentismo>. Acesso em 28 mar. 2022. Verbete da Enciclopédia.

O'SULLIVAN, V. **A Book of Bargains**. London: Leonard Smithers, 1896. Disponível em: <https://archive.org/details/bookbargains00osul/page/n3/mode/2up>. Acesso em 2 fev. 2022.

O'SULLIVAN, V. **When I Was Dead and other stories**. [S. l.]: Project Gutenberg of Australia, 2006. Disponível em: <https://gutenberg.net.au/ebooks06/0606241h.html#s1>. Acesso em 2 fev. 2022.

PERSON Detail: **Vincent O'Sullivan**. The NYSCA Literary Map of New York State. [20-?]. Disponível em: <https://www.nyslittree.org/index.cfm/fuseaction/DB.PersonDetail/PersonPK/3344.cfm>. Acesso em 2 fev. 2022.

SHAKESPEARE, William. **Bem está o que bem acaba**. Tradução de Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM, 2010.

SYMONS, A. The decadent movement in literature. **Huysmans**. Nov. 1893. Disponível em: <http://www.huysmans.org/criticism/harpers.htm>. Acesso em 28 nov. 2023.

VINCENT O’Sullivan (American writer). *In*: **WIKIPEDIA**: the free encyclopedia. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2022. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Vincent_O%27Sullivan_\(American_writer\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Vincent_O%27Sullivan_(American_writer)). Acesso em 2 fev. 2022.

VINCENT O’Sullivan. **WRITERS no one reads**. 31 Oct. 2011. Disponível em: <https://writersnoonereads.tumblr.com/post/12176789275/vincent-osullivan>. Acesso em 2 fev. 2022.

Apêndice

WHEN I WAS DEAD – VINCENT O’SULLIVAN

"And yet my heart
Will not confess he owes the malady
That doth my life besiege."
--All's Well that Ends Well

That was the worst of Ravenel Hall. The passages were long and gloomy, the rooms were musty and dull, even the pictures were sombre and their subjects dire. On an autumn evening, when the wind soughed and ailed through the trees in the park, and the dead leaves whistled and chattered, while the rain clamoured at the windows, small wonder that folks with gentle nerves went a-straying in their wits! An acute nervous system is a grievous burthen on the deck of a yacht under sunlit skies: at Ravenel the chain of nerves was prone to clash and jangle a funeral march. Nerves must be pampered in a tea-drinking community; and the ghost that your grandfather, with a skinful of port, could face and never tremble, sets you, in your sobriety, sweating and shivering; or, becoming scared (poor ghost!) of your bulged eyes and dropping jaw, he quenches expectation by not appearing at all. So I am left to conclude that it was tea which made my acquaintance afraid to stay at Ravenel. Even Wilvern gave over; and as he is in the Guards, and a polo player his nerves ought to be strong enough. On the night before he went I was explaining to him my theory, that if you place some drops of human blood near you, and then concentrate your thoughts, you will after a while see before you a man or a woman who will stay with you during long hours of the night, and even meet you at unexpected places during the day. I was explaining this theory, I repeat, when he interrupted me with words, senseless enough, which sent me fencing and parrying strangers,--on my guard.

"I say, Alistair, my dear chap!" he began, "you ought to get out of this place and go up to Town and knock about a bit--you really ought, you know."

"Yes," I replied, "and get poisoned at the hotels by bad food and at the clubs by bad talk, I suppose. No, thank you: and let me say that your care for my health enervates me."

"Well, you can do as you like," says he, rapping with his feet on the floor. "I'm hanged if I stay here after to-morrow I'll be staring mad if I do!"

He was my last visitor. Some weeks after his departure I was sitting in the library with my drops of blood by me. I had got my theory nearly perfect by this time; but there was one difficulty. The figure which I had ever before me was the figure of an old woman with her hair divided in the middle, and her hair fell to her shoulders, white on one side and black on the other. She as a very complete old woman; but, alas! she was eyeless, and when I tried to construct the eyes she would shrivel and rot in my sight. But to-night I was thinking, thinking, as I had never thought before, and the eyes were just creeping into the head when I heard terrible crash outside as if some heavy substance had fallen. Of a sudden the door was flung open and two maid-servants entered they glanced at the rug under my chair, and at that they turned a sick white, cried on God, and huddled out.

"How dare you enter the library in this manner?" I demanded sternly. No answer came back from them, so I started in pursuit. I found all the servants in the house gathered in a knot at the end of the passage.

"Mrs. Pebble," I said smartly, to the housekeeper, "I want those two women discharged to-morrow. It's an outrage! You ought to be more careful." But she was not attending to me. Her face was distorted with terror.

"Ah dear, ah dear!" she went. "We had better all go to the library together," says she to the others.

"Am I master of my own house, Mrs. Pebble?" I inquired, bringing my knuckles down with a bang on the table.

None of them seemed to see me or hear me: I might as well have been shrieking in a desert. I followed them down the passage, and forbade them to enter the library.

But they trooped past me, and stood with a clutter round the hearth-rug. Then three or four of them began dragging and lifting, as if they were lifting a helpless body, and stumbled with their imaginary burthen over to a sofa. Old Soames, the butler, stood near.

"Poor young gentleman!" he said with a sob. "I've knowed him since he was a baby. And to think of him being dead like this and so young, too!"

I crossed the room. "What's all this, Soames!" I cried, shaking him roughly by the shoulders. "I'm not dead. I'm here--here!" As he did not stir I got a little scared. "Soames, old friend!" I called, "don't you know me! Don't you know the little boy you used to play with? Say I'm not dead, Soames, please, Soames!"

He stooped down and kissed the sofa. "I think one of the men ought to ride over to the village for the doctor, Mr. Soames," says Mrs. Pebble; and he shuffled out to give the order.

Now, this doctor was an ignorant dog, whom I had been forced to exclude from the house because he went about proclaiming his belief in a saving God, at the same time that he proclaimed himself a man of science. He, I was resolved, should never cross my threshold, and I followed Mrs. Pebble through the house, screaming out prohibition. But I did not catch even a groan from her, not a nod of the head, nor a cast of the eye, to show that she had heard.

I met the doctor at the door of the library. "Well," I sneered, throwing my hand in his face, "have you come to teach me some new prayers?"

He brushed by me as if he had not felt the blow, and knelt down by the sofa.

"Rupture of a vessel on the brain, I think," he says to Soames and Mrs. Pebble after a short moment. "He has been dead some hours. Poor fellow! You had better telegraph for his sister, and I will send up the undertaker to arrange the body."

"You liar!" I yelled. "You whining liar! How have you the insolence to tell my servants that I am dead, when you see me here face to face?"

He was far in the passage, with Soames and Mrs. Pebble at his heels, ere I had ended, and not one of the three turned round.

All that night I sat in the library. Strangely enough, I had no wish to sleep nor during the time that followed, had I any craving to eat. In the morning the men came, and although I ordered them out, they proceeded to minister about something I could not see. So all day I stayed in the library or wandered about the house, and at night the men came again bringing with them a coffin. Then, in my humour, thinking it shame that so fine a coffin should be empty I lay the night in it and slept a soft dreamless sleep--the softest sleep I have ever slept. And when the men came the next day I rested still, and the undertaker shaved me. A strange valet!

On the evening after that, I was coming downstairs, when I noted some luggage in the hall, and so learned that my sister had arrived. I had not seen this woman since her marriage, and I loathed her more than I loathed any creature in this ill-organised world. She was very beautiful, I think--tall, and dark, and straight as a ram-rod--and she had an unruly passion for scandal and dress. I suppose the reason I disliked her so intensely was, that she had a habit of making one aware of her presence when she was several yards off. At half-past nine o'clock

my sister came down to the library in a very charming wrap, and I soon found that she was as insensible to my presence as the others. I trembled with rage to see her kneel down by the coffin--my coffin; but when she bent over to kiss the pillow I threw away control.

A knife which had been used to cut string was lying upon a table: I seized it and drove it into her neck. She fled from the room screaming.

"Come! come!" she cried, her voice quivering with anguish. "The corpse is bleeding from the nose."

Then I cursed her.

On the evening of the third day there was a heavy fall of snow. About eleven o'clock I observed that the house was filled with blacks and mutes and folk of the county, who came for the obsequies. I went into the library and sat still, and waited. Soon came the men, and they closed the lid of the coffin and bore it out on their shoulders. And yet I sat, feeling rather sadly that something of mine had been taken away: I could not quite think what. For half-an-hour perhaps--dreaming, dreaming: and then I glided to the hall door. There was no trace left of the funeral; but after a while I sighted a black thread winding slowly across the white plain.

"I'm not dead!" I moaned, and rubbed my face in the pure snow, and tossed it on my neck and hair. "Sweet God, I am not dead."